

Desenvolvimento motor, afecto e pensamento (*)

EMÍLIO GUERRA SALGUEIRO (**)

I

Irei falar-vos sobre a íntima ligação que creio existir entre o desenvolvimento motor da criança, a qualidade das suas experiências afectivas e a emergência da sua capacidade de pensar. Partirei dos dados da observação de 3 crianças.

Descreverei o modo como o Júlio, a Aida e o Danilo, separadamente, se relacionaram comigo.

II

O Júlio é uma criança que está quase com 10 anos, cega total de nascença, sem linguagem, e que frequenta um Jardim Infantil integrado, existente numa Instituição onde trabalha.

No dia da observação que vos irei relatar, o Júlio aproximou-se da janela do meu gabinete, pelo lado de fora. A janela, que estava aberta, dava para o pátio do Jardim Infantil, onde o Júlio se encontrava no meio das outras crianças.

Mais do que uma vez, em dias anteriores, viera já o Júlio a esta janela, penso que atraído pelo som de vozes, onde se incluía a minha, por ali pairando, silencioso. De todas as vezes expressara satisfação, quando eu, depois de o saudar, de longe, pelo nome, me aproximara dele, do meu lado da janela, lhe dera um abraço e o afagara na cabeça.

Nesse dia, pouco tempo ficou perto da janela, não esperando pela minha saudação e aproximação, como se não quisesse ficar a disputar a minha presença com duas outras crianças, bastante mais pequenas do que ele, mas que, também do lado de fora da janela, me chamavam pelo nome.

Ao chegar à janela, vejo que o Júlio se afastara para uns 4-5 metros de distância, e estava de costas para mim. Chamei-o, várias vezes, pelo nome, um pouco em toada musical, antes de ele decidir virar-se, e vir ter comigo à janela, na sua marcha lenta, habitual, de pernas separadas e com a ponta dos pés para fora, como se quisesse aumentar a sua base de sustentação e segurança.

Vem com uma expressão neutra, e com uma das mãos fechada em punho, enfiada e rodando lentamente numa das cavidades orbitárias, como que a esfregar o olho.

(*) Conferência apresentada no 1.º Curso Pós-Graduação em Pediatria do Desenvolvimento, em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, em 31-10-1985.

(**) Psicanalista e psiquiatra infantil.

Continuo a saudá-lo, até que ele se aproxima o suficiente para que eu possa tocá-lo nos braços, primeiro, depois agarrá-lo, dar-lhe um abraço comprido, e fazer-lhe uma festa na nuca.

Encosta a cabeça à minha testa, e depois uma face à minha face, ao mesmo tempo que ele próprio também me agarra nos braços, com uma certa força, tendo tirado a mão da órbita.

Vou-lhe falando, vejo que, de novo, em toada um pouco musical, e procuro transmitir-lhe, por palavras, o que me parece ser o estado de espírito dele. A face vai-se-lhe iluminando num largo sorriso, e, com o abraço apertado e envolvente que ele me dá procura que nos juntemos mais, num corpo a corpo de corpo inteiro, que eliminasse o peitoril da janela que nos separa. Creio que, ou quer puxar-me para o lado de fora, ou quer fundir-se com o meu corpo.

Está muito sereno e contente, e eu também me sinto bem.

Afasta um pouco a cara, e vai entoando áhe, áhe, áhe, áhe, áhe, subindo e descendo de tom, com ritmo e musicalidade. Ao mesmo tempo, faz, alternadamente, subir e descer a cabeça, o pescoço e os ombros, mas somente numa oscilação de poucos centímetros de amplitude, como se não quisesse afastar-se demasiado de mim. Sinto que sublinha corporalmente, e em sincronia, o ritmo da sua toada e a sua alegria.

Pára a melopeia, baixa a cabeça, e encosta a boca aberta e o nariz a um dos meus antebraços. Expira e inspira com força, procurando na inspiração como que captar o meu cheiro. Não me morde, e creio que me toca no antebraço com a língua.

Levanta um pouco a cabeça e desloca a boca, e reparo que tem o polegar de cada mão enfiado em cada uma das cavidades orbitárias, com um movimento rotatório lento. Mantém um sorriso, mas o sorriso já é menos iluminado.

Acaba de se endireitar, descola-se de mim, roda, lentamente, com o corpo todo, $\frac{1}{4}$ de

volta, e vai-se embora, sem que eu me tenha despedido dele. Em encontros anteriores era eu sempre a tomar a iniciativa da despedida, permanecendo ele, ainda, por algum tempo, junto da janela, como se, por vontade dele, o encontro devesse prolongar-se.

Desta vez vai-se afastando, não mostrando reagir às minhas saudações de despedida, deslocando-se lentamente, solitário, no meio das outras crianças, sempre com as mãos a rodar nas órbitas.

III

Como poderemos entender o que se passou entre mim e o Júlio, e, sobretudo, que significado terá tido para o Júlio este encontro?

Avançarei com algumas hipóteses.

Em primeiro lugar, creio que o entendimento que o Júlio possa ter da minha presença do outro lado daquela janela é necessariamente rudimentar, e só despertado pelo reconhecimento da minha voz.

Isto é, a minha existência é contingente dos sons que eu emita, e não permanente, isto é, não é independente do que eu possa fazer ou não fazer.

Do que eu digo ao Júlio penso ser mais importante a musicalidade das palavras e das frases, reveladora da minha satisfação em vê-lo, do que do seu conteúdo semântico.

Localiza-me pelo som, e aproxima-se, o que significa que consegue utilizar a sua capacidade locomotora intencionalmente.

E qual será a intenção do Júlio? Creio que é poder ter comigo uma experiência afetiva de satisfação, muito vivida num plano corporal, por já ter tido experiência de satisfação semelhantes, anteriores.

A minha voz desencadeia-lhe como que uma forma primitiva de memória.

Aproxima-se com um punho enfiado na órbita, mas aceita ser tocado, abraçado, afogado. A partir do encontro das faces, parti-

cipa activamente na aproximação, agarrando-me, após tirar a mão da órbita.

Está obviamente satisfeito e sereno com a experiência emocional deste encontro, melhor dizendo, deste reencontro, misto de sons agradáveis e de cheiros, de contactos pele a pele, de ser tocado e de tocar, de ser agarrado e de agarrar.

Procura puxar-me para ele, talvez para comigo se fundir, *numa experiência permanente de satisfação*. Tirando-me do meu lado da janela, e puxando-me para o seu, poderia ficar comigo e utilizar-me a seu agrado. Nisto assemelha-se aos bebês normais que, numa primeira fase maturativa, são capazes de tirar objectos, para seu disfrute, de dentro de um recipiente, mas não de os lá colocarem.

O Júlio dá uma resposta vocal e corporal à experiência de satisfação que partiu do nosso encontro, entoando e movimentando-se ritmicamente.

Podemos, talvez, comparar os sons ao balbuceio em sílabas duplas, «cantado» pelo bebê satisfeito, em diálogo com a mãe; também os seus movimentos de subir e descer do tronco, pescoço e cabeça fazem lembrar o agachar-se e estirar-se do bebê de 6-7 meses, de pé, com as mãos seguras nas mãos da mãe.

O Júlio, contente, canta e dança. O Júlio sente, no entanto, necessidade de completar o seu estado de satisfação com uma *concretização*: cola a boca ao meu antebraço, e experimenta, provavelmente, o meu cheiro e o meu sabor, *como se estivesse numa mamada*.

Torna-se mais claro, crei eu, o tipo de satisfação emocional pretendido neste encontro: uma fusão ou mesmo uma incorporação de uma personagem maternal, capaz de preencher o sentimento de desligamento e de vazio, através do fornecimento de um «bom leite» permanente de experiências de plenitude.

Utilizando a terminologia de Donald Meltzer (1975), poderia dizer-se que o Júlio

vive num mundo unicamente *a uma dimensão*, a que vai do seu sentimento de necessidade, à pessoa ou objecto capaz de o aliviar.

O Júlio tira a mão da órbita quando o nosso encontro aumenta de intensidade emocional: poderíamos dizer, quando a experiência emocional se configura como uma de aproximação da boca ao seio. A mão introduzida na órbita representa uma experiência semelhante à do bebê que mete a mão na boca na ausência do seio materno, com a órbita a representar a boca e a mão a representar o seio. Com esta auto-estimulação, quase permanente, consegue o Júlio preencher o seu sentimento de carência e de vazio insuportáveis.

Mal perde o contacto com o meu antebraço/seio, introduz, de novo, as mãos nas órbitas, auto-estimulando-se, procurando bastar-se a si próprio.

Ao Júlio, no encontro comigo, não lhe bastou o que poderíamos chamar uma «mamada psíquica», isto é, uma possibilidade de se bastar com uma experiência de satisfação vivida num plano mental. Da hipótese de *abstracção* da experiência da mamada teve necessidade de passar à sua *concretização*, perdendo, assim, o que já pudera organizar, ainda que momentaneamente, em termos de proto-pensamento ou pré-pensamento. É pobre a vida mental do Júlio.

Terminada a experiência que pode ser configurada com uma «mamada», e que foi vivida na sua fase final mais no seu aspecto *funcional* do que no *inter-relacional*, o Júlio desligou-se de mim, como o bebê pequeno se desliza do seio, e adormece. Mais do que isso, talvez o Júlio tendo sentido que perdera «o seio» e, perdendo-o, me perdera a mim, *por não me ver*. Talvez tenha sido, também, *por não ver a mãe após as suas experiências primitivas de mamada*, que o Júlio não conseguiu passar da unidimensionalidade para a bidimensionalidade psíquica.

Creio, no entanto, que mesmo toda esta sequência de experiências emocionais só foi possível pela minha disponibilidade, por ser capaz de receber e conter o Júlio, sem inquietação, e sem o estimular de um modo intrusivo. Talvez se possa recordar aqui o conceito de *capacidade maternal de «rêverie»*, descrita por Bion, acolhedora dos maus estados e inquietações de bebé, reduzindo-lhe a intensidade, e devolvendo-lhos transmutados em bons sentimentos.

IV

Falemos agora da Aida. Tem 9 anos de idade, vê e ouve bem, mas mostra um importante atraso no desenvolvimento afectivo, cognitivo e da linguagem.

Irei descrever a minha primeira observação da Aida.

A Aida entra no meu gabinete com os pais. Enquanto os pais se sentam, a Aida desliza pela sala, em exploração. É esguia, de olhar fugidio e movimenta-se com certa leveza. Ouvem-se interjeições de satisfação, ao olhar para um lado e para outro, que se reforçam quando descobre brinquedos. Não pega em nenhum. Vai até à janela e olha para fora; vem ao pé de mim e diz-me: «Olha!»; não se detém: mete um polegar na boca e volta a cirandar pela sala. Volta para junto de mim. O polegar está todo molhado de saliva, que tem um cheiro desagradável. Muito próxima de mim, olhando para o que tenho à minha frente, permite que lhe ponha uma mão nas costas. Interessa-se por um «dossier», e faz sinais, com as mãos e com o corpo, como que a pedir-me autorização para lhe mexer. A mãe interpreta-me os sinais, dizendo que ela gosta de tudo o que tenha a ver com cadernos e lápis. Dou-lhe papel e lápis: vai para um canto da mesa, distante de onde estou. Começa a desenhar, e vai chamando a atenção da mãe. Algumas das «palavras» que profere são compreensíveis: «Mãe», «Olha»... Vai desenhando

sentada, aparentando tranquilidade. Não deixa de olhar para todos os lados, e emite sons que me parecem corresponder a pedidos de aprovação da mãe.

Ao fim de um tempo, e respondendo a uma solicitação minha, aceita vir sentar-se perto de mim, trazendo o que já desenhou, pobre, formalmente. Traz, também, o resto do material de desenho, e continua a desenhar. Desenha espontaneamente o que depois me designa como sendo a mãe, o pai, ela própria e eu. Digo-lhe que faltam braços e cabeleiras, e ela, sem ser preciso dizer mais nada, vai-os colocando de uma modo apropriado, desenhando de um modo diferente os cabelos dos dois sexos. Por iniciativa própria procura depois «escrever» os nomes de cada um por baixo, para os identificar. Há um claro avanço formal e cognitivo, em relação aos primeiros desenhos.

Circunda, depois, os personagens com um traço a toda a volta, rectangular, contendo-os todos juntos. Diz que é um carro, sendo obviamente nós «os passageiros». Acrescenta outras estruturas rectangulares que não explica, talvez casas. Continua a desenhar, mas sinto que começa a afastar-se interiormente de mim, depois de momentos de grande proximidade e intensa comunicação emocional. Diz, a breve trecho: «Para a rua», ao que a mãe responde: «já vai», Muda de folha de papel, e desenha o que poderá ser uma mala de senhora, ou o *dossier* que tem na frente. «Não desenhes na mão!», recomenda a mãe. Pergunto-lhe porquê, e a mãe explica-me que é por irem, a seguir, para a rua, que, se fosse em casa, não se importaria que ela riscasse as mãos.

A Aida deixa os desenhos, levanta-se, e, de novo, deambula pela sala. Dá, com frequência a sensação de que não olha bem para as pessoas, mas, talvez, um pouco para o lado. A Aida circunda a mesa, e vem encostar-se às minhas costas. O contacto é agradável, apesar do mau cheiro que exala. Afasta-se.

A mãe fala com ela, mas nunca lhe toca. A Aida também nunca a procura para lhe tocar. A mãe é uma mulher bonita, mas que me parece emocionalmente fria, ou demasiado composta. O pai aparenta preocupação, mas está calado.

«Rua... Tia», diz a Aida. Vem buscar um dos desenhos que fez, e vai pregá-lo a um painel de cortiça, num canto da sala, com um *pionés*. Chamo-a, dou-lhe outro dos desenhos. Fica contente e vai pendurá-lo também.

Ouve o sinal horário do meu relógio e, intrigada, vem olhá-lo. Procura outro desenho, e diz «Não há».

Esclarece-me o pai que em casa não há painel para desenhos, mas que ela prega papéis nas portas, usando fita-cola. Adirindo à minha sugestão para que lhe arranjem um painel, o pai pergunta-lhe se ela quer um. A Aida responde que não.

«Ahato», diz ela. «Comentário frequente», esclarece-me o pai (ahato será semelhante a chato?).

A Aida vem, de novo, encosta-se a mim e diz «Quero mais», dando a entender que pretendia o conteúdo de um saco de plástico que estava em cima da minha mesa, com *slides*. Não insiste quando não lhos dou. A mãe diz-lhe: «Não».

«Quero, à rua», contrapõe a Aida.

«Já te lembraste outra vez», responde-lhe a mãe.

«Mãe, à rua!» insiste a Aida.

«É o Dr...», diz-lhe a mãe, procurando assim, convencê-la a ficar.

«Não é não», responde a Aida.

«É, é, apesar de não ter bata», insiste a mãe.

Entra na sala uma auxiliar de educadora de infância, que a Aida conhecia superficialmente. Aceita sair com ela, sem opor qualquer objecção, e sem se despedir, enquanto os pais ficam a falar comigo.

Avancemos algumas hipóteses sobre o que se passou nesta sessão de observação.

A Aida vagueia pela sala, à procura de um objecto ou de um acontecimento que a capte.

Acaba por me escolher como seu objecto de interesse, aproxima-se e diz-me: «Olha», sem me conhecer. De certo modo, a Aida funciona como se não tivesse passado pela *fase de angústia perante o estranho* (Spitz, 1965), o que representará uma recusa em sair de um estado de simbiose, que não admite o reconhecer ao estranho um estatuto de diferença e autonomia. Reconhecer diferença é reconhecer separação, e, para a Aida, a ideia de *separação psíquica*, de ter uma *vida mental própria, contida num espaço interior*, não é ainda completamente possível.

Mal estabelece contacto comigo vai-se embora com o polegar na boca, presença reconfortante para se poder afastar. Valoriza-me e não me valoriza.

Penso que o mau cheiro que lhe vem da boca deve afastar as pessoas, e que só se explica a sua não valorização pelos pais, por ela se aproximar pouco deles, ou eles pouco da Aida.

No entanto, a Aida dirige pedidos explícitos de aprovação à mãe, não ao pai nem a mim. É claramente importante para a Aida que a mãe a reconheça e a aprove. A separação já está esboçada.

A relação mais autêntica da Aida comigo dá-se depois de a mãe mostrar apreço pelos seus desenhos, permitindo-se então, responder à minha solicitação, e vir desenhar para ao pé de mim.

Eram pobres as estruturas gráficas que a Aida desenhara perto da mãe. Há como que um salto qualitativo, quando, ao meu lado, começa a fazer a figuração gráfica das pessoas presentes, e da própria situação. Esta capacidade nova mostra haver um *entendimento crescente da realidade*, pro-

vavelmente possibilitada pela minha intervenção, sentida como contensora e organizadora.

Esta abertura para a realidade, vai ao ponto de a Aida ser capaz de desenhar diferenças anatómicas entre os sexos. Tenta, ainda, a representação gráfica dos nossos nomes, mas tal já não consegue.

Creio que a cercadura das quatro figuras simboliza a sua valorização da minha capacidade contensiva, assim como representa as «paredes» do seu espaço interior que aqui se organizou. Reteve experiência no «saco psíquico», e foi capaz de pensá-la, ainda que por pouco tempo.

Logo a seguir, sinto que começa um afastamento interior da Aida, e recordo aqui, o conceito de Bion (1967) de «ataques às ligações». Talvez a Aida se afaste por corte perante o bom estado interior que se conseguira, procurando tirar sentido à realização: representa um *não querer ligar-se demais*, mesmo um procurar romper com raiva os laços de significação conseguidos, por reacção a más experiências de ligação, anteriores.

«Para a rua», e desenha o que parece ser a mala da mãe. Cortou comigo, e a mãe reforça o corte dizendo «Não desenhes na mão», talvez por se ter sentido excluída da relação emocional intensa, que a filha tivera comigo.

A Aida larga os desenhos, deambula pela sala, mas regressa para se encostar a mim e não à mãe. Em toda a sessão nunca a Aida tocou ou se encostou na mãe ou no pai, talvez por sentir que não tinha autorização, como não tinha tocado nos brinquedos nem tocara no papel sem licença expressa.

A Aida demonstra uma grande necessidade de, volta e meia, se vir encostar a mim, e creio poder chamar-se, o seu modo dominante de funcionamento, como de «identificação adesiva» (Bick, 1967).

São as qualidades de superfície das pessoas e dos objectos o que ela mais procura, podendo dizer-se que a sua maneira mais

frequente de estruturar o mundo é a *bi-dimensional* (Meltzer, 1975).

Só na representação pictórica mais complexa, de nós quatro na sala (e penso que por se apoiar em mim), ela atinge a *tri-dimensionalidade*, com diferenciação clara entre continente e conteúdo, revertendo, no entanto, rapidamente para a bi-dimensionalidade, expressa na exposição dos desenhos, em superfície.

Sinto admiração pela decisão da Aida de ir afixar os desenhos, pelo que me parece ser um acto criativo da sua parte.

Expor os desenhos representa afirmação: «Vejam o que fui capaz de produzir,, admirem-me!» Mas também: «Quero deixar aqui a minha marca, quero que te lembres de mim...» E talvez ainda: «Quero lembrar-me de ti...» E ainda, possivelmente: «Estes são os meus “pensamentos”, façam deles o que entenderem, embora prefira que os tratem bem.»

Externaliza, evacua, em superfície, desresponsabiliza-se... mas afirma. Como aliás fazia em casa, com a colagem de papéis nas portas, com fita-cola.

A linguagem que usa é simples, reveladora de necessidade e estados de espírito, directos e pouco elaborados (pedido de atenção, afirmação, afastamento, aproximação, apropriação).

Quando diz «Mãe, rua!» reivindica um certo controle da relação simbiótica; mas quando, perante o «esclarecimento» da mãe «é o Dr...», ela responde «Não é não!», mostra ter um sentido de realidade superior ao da mãe. Ali não sou o Doutor, serei, quanto muito, o proporcionador de boas experiências, ou de experiências interessantes, contensor da sua excitação à procura de um «objecto» que a acalme e organize.

No entanto, a Aida já «cortou» comigo: de momento não lhe sirvo para mais nada, e sai da sala sem mostrar apreciação pelo que se passara entre nós.

Vimos que a Aida tenta organizar uma vida mental interior, contida, baseada na

capacidade de representação simbólica. No entanto, só o consegue de uma forma fruste: por um lado, pela simbiose impeditiva de uma individuação autêntica, e, por outro lado, pelo que me parecem ser «ataques às ligações», mecanismo de defesa primitivo, destruidor das boas experiências.

O conceito de *permanência do objecto externo* (Piaget, 1969) está bastante mais avançado na Aida do que no Júlio. A Aida sabe onde deixou os desenhos, onde eu estou, o que se passou entre nós, e recorda-se de que tem uma tia, fora da sala, longe dali.

Também a sua capacidade de «pensar» é mais evoluída do que a do Júlio, embora sobretudo dirigida para a satisfação de necessidades imediatas e vitais, de identificação robustecedora, por adesividade, sem capacidade de planeamento a médio prazo. É escassa a sua capacidade de abstracção, e o modo de pensar é sobretudo impositivo, manipulador e evacuativo, raramente criativo.

Utiliza uma «linguagem por palavras», mas ainda insuficientemente simbolizada.

Os seus afectos são superficiais, basicamente por insegurança da organização interna de um espaço contentor. A Aida *foge às experiências afectivas*, para o que utiliza, entre outros recursos, *a motilidade*. A sua deambulação, com o dedo na boca evita-lhe sentir e pensar.

VI

Vejamos, por último, o que se passou com o Danilo.

Tem sete anos, vai entrar para a Escola, mas, uma *necessidade permanente de movimentação*, inquieta os pais.

O relato que se segue descreve o meu primeiro encontro com o Danilo.

Veio acompanhado pela mãe, e entram ambos para o gabinete de observação, onde me esperam durante curtos minutos.

Quando entro vejo que a mãe do Danilo afastara a mesa baixa do meio da sala, e, sentada num dos cadeirões, joga com o filho, que está de pé, atirando-lhe e recebendo um enorme balão que trouxeram da rua.

O Danilo, pequeno de estatura, olha-me com curiosidade, e, sorridente, aceita dar-me um aperto de mão, em resposta à minha mão estendida.

Sento-me num cadeirão próximo da mãe, colocando-se o Danilo no espaço entre o meu cadeirão e o da mãe.

Diz-me a mãe ser o Danilo uma criança muito irrequieta e sem sentido do perigo; estaria, ainda, muito atrasado na fala, apesar dos seus quase sete anos.

O Danilo mantém-se entretido com o balão, que aperta e descomprime.

Digo ao Danilo, em tom de brincadeira, que o balão é meu, ao que ele me responde com uma frase que não entendo, e de que peço esclarecimento. Embaraçada e corada, a mãe, só depois de instada, me repete o que o Danilo dissera: «Uma pêra no cu».

Peço ao Danilo que me esclareça, e, como resposta, dá-me um murro sobre o estômago. Agarro-lhe no braço, e digo-lhe que não me bata. Respondo-me que está bem, para logo a seguir me ameaçar de novo, e de novo eu lhe agarrar no braço, impedindo-lhe que me atinja.

Sai disparado de onde está, avança pela porta da sala, que eu mantive aberta, e vejo a mãe ir atrás dele.

Voltam os dois, explicando a mãe, que se não fosse atrás dele, era capaz de ir para a rua.

De novo o Danilo me ameaça, e acaba por me bater com o balão. Tiro-lhe o balão, magoando-o involuntariamente no fio com que o prendia, e que ele tinha enrolado num dedo. Fica com um ar desconsolado, magoado e raivoso, enquanto lhe digo que se ele me bate terei também de lhe bater.

A mãe assiste a todas estas cenas sem intervir, aparentando incapacidade ou de-

sistência, quanto ao seu papel disciplinador.

O Danilo começa a saltar por cima dos outros cadeirões da sala dizendo, repetidas vezes, «cócós».

A mãe, entretanto, vai-me dizendo ser o Danilo muito diferente dos dois irmãos. Embora também rapazes, um com 5 e outro com 3 anos de idade, seriam calmos e tranquilos.

De novo o Danilo corre para fora da sala, de novo levando a mãe no seu encaço.

Regressam, dizendo o Danilo «Pêra no cu»; aproxima-se dumas folhas de papel, e tenta fazer «setas», o que não consegue.

Vou ajudá-lo a fazer «setas». Mostro-lhe como se faz uma primeira; ajudo-o, depois, nas dobragens das outras, que ele tenta fazer por ele próprio. No fim, faz voar uma pela sala, mas desinteressa-se rapidamente das «setas».

Aproxima-se, e procura tirar-me um envelope com uma carta que me fora entregue pela mãe, e que eu tinha numa mesa perto de mim. Não o deixo, e ele afasta-se dirigindo-se para o telefone do gabinete. Levanta o auscultador; pergunto-lhe se vai falar com o pai.

Responde-me que não, e, virando-se para a mãe, diz-lhe um segredo. A mãe esclarece-me que o Danilo dissera que era com o Tomás.

Pergunto-lhe quem é o Tomás, e o Danilo responde-me: «Miola». «Minha escola», esclarece-me a mãe.

Sinto a mãe entre passiva, resignada, aflita e desistente.

O Danilo larga o telefone, e começa a abrir ou a procurar desmontar um aquecimento a gás, que estava perto. Sem sair do meu cadeirão, digo-lhe, com veemência, para não mexer. Contrariado, aceita. Digo para a mãe ser possível controlá-lo.

«Às vezes...», responde-me ela. «Fica muito revoltado quando o castigo.» Acrescenta que costuma metê-lo num quarto, com um brinquedo.

Mais uma vez o Danilo dispara da sala. A mãe pergunta-me: «Posso ir buscá-lo?», e assim faz, após um aceno de cabeça meu.

Quando regressam, o Danilo vem sentar-se, encostado a mim, no meu cadeirão, e procura tirar-me a caneta.

«Não me tiras as minhas coisas», repito-lhe.

«Caca, caca», diz-me ele.

Sai do cadeirão, pega num cinzeiro que estava em cima da mesa baixa, e atira-o ao chão.

«Vai apanhá-lo!», digo-lhe, imediatamente, e ele obedece.

Dirige-se para a mãe, passando-me por cima dos pés, e diz-lhe: «Rua, quero ir rua.»

Sinto vontade de rejeitar o Danilo e, ao mesmo tempo, de espezinhar a mãe...

Afasta-se da mãe, e volta para o aquecedor. Grito-lhe para que não mexa, e ele vem bater-me com o balão.

«Se me tornas a bater, tiro-te o balão e não to dou», aviso-o.

Procura, de novo, sair da sala, levando de imediato, a mãe atrás dele.

Quando voltam, o Danilo procura derrubar um candeeiro. Impeço-o, e ele diz-me: «Pêra no cu», a ti».

Desafio-o: «Quem te dá pêra no cu, a ti, é o teu pai.»

«Papá», diz ele.

Aproxima-se e pergunta-me: «Como te chamas?»

«Emílio», respondo-lhe.

«Pêra no cu», acrescenta ele.

«Se me dás uma pêra no cu dou-te outra a ti», respondo-lhe.

Vem bater-me devagarinho, enquanto eu finjo que lhe bato. A mãe continua a assistir, sem ser capaz de fazer qualquer intervenção.

O Danilo vai para o telefone, e diverte-se a marcar números. Finjo um diálogo telefónico, em que faço de Tomás. Digo-lhe que já sei que está em Lisboa, a falar com o Emílio, e que não sabe quando volta para a Escola.

Larga o telefone, e vem bater-me com o balão, o que procuro impedir.

Vai para o colo da mãe e aninha-se; a mãe embala-o como se fosse um bebé.

Pergunto porque é que o pai não veio também: teve que ficar a tomar conta dos outros irmãos.

Danilo levanta-se, e sempre consegue rasgar-me o envelope. Dou-lhe uma palmada na mão.

Refugia-se ao pé da mãe, dizendo qualquer coisa que a mãe me traduz como «não me dói». A mãe ri-se, em cumplicidade com o filho...

«Se estragas outra coisa, levás com mais força», afirmo-lhe.

A mãe relata-me uma ida a Espanha, para efectuarem uma tomografia axial computadorizada que nada esclareceu, e vai-me enumerando os medicamentos que o Danilo já tomou, sem qualquer resultado.

O Danilo volta para o telefone, e eu finjo, desta vez, que sou o pai dele, e pergunto-lhe, como estão, ele e a mãe. Digo-lhe que tenho saudades deles, e que não demorem a voltar para casa. Ele vai-se sorrindo, meio incrédulo, meio agradado, mas acaba por me dizer: «Eras tu...».

Larga o telefone, pega nuns papéis que estavam em cima da mesa, e atira-os para o chão. Vem bater-me no peito quando insisto para que apanhe os papéis, mas, perante a minha insistência, acaba por apanhá-los.

«Quero-me ir embora», lamuria para a mãe.

Pega num lápis que estava em cima da mesa e parte-o, várias vezes, com os dentes, ao mesmo tempo que me olha com raiva; dirige-se para o balão e rebenta-o propositalmente, muito zangado, rasgando, depois, os pedaços de borracha.

Perante a passividade da mãe, comento que ela é muito tolerante para o Danilo.

«Já não sei que lhe hei-de fazer», afirma ela.

O Danilo vai para a mesa, e atira os cinzeiros para o chão. Levanto-me, agarro-o com força, e obrigo-o a apanhá-los.

O Danilo finge que vai, de novo, sair da sala, mas aproxima-se de mim, e começa a puxar-me os bigodes com força, o que não deixo que prossiga: encavalita-se num cadeirão, e procura deitar um cortinado ao chão, dando-lhe puxões, para que se desprenda do tecto.

Não resisto, chego-me a ele, e dou-lhe 3 palmadas «no rabo», com força.

Não chora, fica amudado, e vai para o colo da mãe. Olha-me de esguelha e diz: «Maluco»...

Termino a observação fazendo algumas recomendações à mãe, e combinando nova entrevista, com o pai presente.

O Danilo não torna a afastar-se da mãe, e aceita no fim, na despedida, apertar-me a mão. Procura apertar-me a mão com força, hesita e parece ficar assustado. Repete: «Maluco...»

VII

O Danilo está numa etapa maturativa bastante à frente do Júlio e da Aida.

Logo à entrada, no meu gabinete, vejo o Danilo e a mãe, num jogo com um balão, que implicava uma capacidade de aceitação e de devolução, isto é, de mutualidade.

Aceitando apertar-me a mão, o Danilo mostra entender o valor simbólico de certos rituais sociais.

Coloca-se entre mim e a mãe, reprodução de provável idêntica constelação em casa, reveladora de um desejo de separar o pai da mãe, inserido no que se pode designar pelo seu «movimento edípiano».

Nem o Júlio nem a Aida se mostraram capazes de mutualidade, nenhum atingiu a etapa da simbolização plena, e ambos se encontram distantes da fase edípiana, mais distante o Júlio do que a Aida.

Quando o Danilo me ameaça de me dar uma «pêra no cu», ou me quer bater, há como que uma descarga evacuativa/agressiva da sua excitação, demonstradora do seu medo de que o agrida, pela violência da sua afirmação e exibição, e pelo desejo de me afastar da mãe. Domina o mecanismo da identificação projectiva, atribuindo-me, contra ele, os «maus instintos» que ele tem contra mim, e que em mim deposita.

Quando procuro controlá-lo nos seus excessos entende-me e mostra-se capaz de um certo autocontrole, revelador de uma capacidade de «interiorização» ou de «introjecção» de certos aspectos da minha personalidade, com que se identifica.

Por várias vezes escapa-se da sala, conseguindo levar a mãe no seu encaço, afastando-a de mim, interrompendo o nosso diálogo (*darting-away* — Margareth Mahler, 1975).

As provocações sucedem-se: creio que representam um desejo de castigo, por medo de um castigo maior, aniquilador (castração — *afanisis* — Jones, 1948).

Quando se decide fazer «setas» de papel, de novo procura afirmar-se, evadir-se, talvez agredir-me; mas, quando aceita a minha ajuda, permite-me interiorizar uma faceta minha... mas por curta duração: a identificação projectiva tem mais força que a identificação introjectiva.

Em desafio, procura apropriar-se do que é meu: carta, telefone, aquecedor a gás, caneta, etc., e insiste na coprolalia afirmativa/defensiva. Procura mostrar-se um pequeno gigante...

A certa altura, o desafio que me lança torna-se tão insuportável (pendurar-se no cortinado, perante a passividade da mãe) que lhe dou três palmadas «no rabo», como se de um filho meu se tratasse. Acalma-se, e refugia-se junto da mãe. Não me recordo de ter tido esta reacção com qualquer outra criança que tenha observado, mas prova-me que também, intuitivamente, o senti na fase edipiana, e me identifiquei a um

pai que tem que pôr limites a um filho que «tomou o freio nos dentes», e se sente forte pela permissividade da mãe.

Quando no fim, ao despedir-se o Danilo procura apertar-me a mão com força, e diz: «Maluco...», creio que está a reconhecer alto ser loucura querer medir forças comigo...

Em suma, o Danilo já completou a sua separação psicológica da mãe, possui, claramente uma vida interior, e é boa a capacidade de permanência mental para os seus «objectivos» (em sentido psicanalítico), tanto internos como externos. Recordemos, por exemplo, os telefonemas ao seu amigo Tomás e a seu pai.

Creio, no entanto, que houve uma falha na etapa de «reaproximação» da mãe (Mahler, 1975) não conseguindo serenar. Provavelmente terá havido, também, uma insuficiente intervenção paterna.

Recorrendo de novo à terminologia de Meltzer (1975), o Danilo move-se numa concepção do mundo a *três dimensões*, contrastando com as *duas dimensões* da Aida e a *uma dimensão* do Júlio. Uma ou outra vez o Danilo atinge as *quatro dimensões*, pois que adiciona a dimensão tempo com um sentido de escoamento unívoco, não reversível (Meltzer, 1975), visível, por exemplo, no entender que construir uma «seta», antes de a poder lançar, tem de obedecer a uma determinada sequência de dobragens.

O Danilo possui capacidades simbólicas, linguísticas e práxicas, já de certa complexidade.

Expressa afectos intensos, de amor, de ódio, e de ciúme, como se fosse uma criança mais nova, de uns 2-3 anos.

Utiliza a sua motricidade, com boa plasticidade, mas ainda com insuficiente capacidade de contensão.

Ainda age mais do que pensa, e age, em grande parte, para manter a mãe sob controle, e fugir ao «fantasma» do pai.

O Danilo ainda pensa pouco.

VIII

Em conclusão: não é possível entendermos, separadamente, o desenvolvimento motor, a maturidade dos afectos, e a capacidade de pensar.

Não há desenvolvimento motor sem *intencionalidade*, e esta pressupõe *experiências afectivas*, e uma capacidade crescente de reflexão, planeamento e autocondução, isto é, uma *capacidade de pensar*.

Não há possibilidade de uma intervenção correcta, nestes atrasos ou desvios maturativos, se não entrarmos em linha de conta com estas três dimensões, no modo como elas se interligam, inseridas na relação da criança connosco e com os outros.

Utilizei nesta exposição diversos modelos psicológicos, que me ajudam a entender os acontecimentos, como o da relação continente/conteúdo; o da dimensionalidade do espaço psíquico e dos movimentos de progresso e retrocesso, ou de transformação, entre os seus tipos (por ex.: passagem de bi a tri e depois novamente a bidimensional como com a Aida); o da capacidade de reter experiência na tri-dimensionalidade, ou do «saco psíquico»; o do modelo da mamada psíquica; o da separação/individuação; o da etapa edipiana; o das identificações incorporativa, adesiva, projectiva e introjectiva; o da capacidade de simbolização; o da capacidade de pensar, etc.

O Professor Prechtel falava, anteontem, no risco de sobre-interpretar, isto é, de procurar descobrir sentidos e atribuir intenções onde não as há.

Creio não ser risco menor o de subinterpretar, isto é, de recusar encontrar qualquer sentido ao que são claramente realizações humanas.

Utilizando um similé musical: por mais que se progrida na descrição de um instrumento musical, nunca por essa via se chegará a entender e a apreciar a música que ele produz.

Não podemos reduzir a música ao instrumento musical, como não podemos reduzir a vida mental ao sistema nervoso central. São dois níveis diferentes de realidade. E para entendermos os fenómenos mentais temos de usar modelos que se afastam dos usados para entender fenómenos físicos ou mesmo biológicos.

O que não é fácil, pois que, como diz Bion (1970), a mente humana é boa para o entendimento e descrição do inanimado, mas não para pensar o facto mental ou o próprio pensamento.

Precisamos, por isso de modelos específicos.

Utilizem os modelos que vos propus, ou outros que considerem melhores, mas não deixem de reflectir sobre o que sentem, o que observam, nas crianças com quem contactam.

E termino repetindo a frase consagrada: «Nada do que é humano me pode ser alheio.»

RESUMO

O autor procura mostrar a íntima relação que vê entre o desenvolvimento motor da criança e as experiências emocionais com que ela se defronta, desde o nascimento.

Cada acto motor tem uma finalidade, que deriva do entendimento emocional que a criança consegue tirar de cada situação, e da capacidade de resposta que vai adquirindo.

Há uma linha de amadurecimento emocional, em paralelo interactivo com uma linha de amadurecimento motor, e desta interacção vai nascer uma capacidade de pensar. Tal só é possível a partir do encontro com uma figura maternal «contentora», em primeiro lugar, depois com uma figura paternal, organizadora da «função de triangulação».

Ao lado da estruturação de um espaço exterior à criança, esta vai organizando um

espaço interior, e adquirindo uma capacidade de simbolização, base do pensamento.

Só a partir daqui pode a criança adquirir uma linguagem. Motricidade, afecto e pensamento estão, assim, na base da linguagem.

O autor analisa, por fim, a génese das perturbações do desenvolvimento de três crianças.

SUMMARY

The author endeavours to show the close links that exist between motor development, emotional maturation and the growth of thought.

Using concepts close to Meltzer, Bion and Piaget he analysis the developmental difficulties of three children.

RÉSUMÉ

L'auteur affirme l'existence de liens très serrés entre le développement moteur, le ma-

turation emotionnelle et la croissance de la pensée.

En usant des concepts proches de Meltzer, Bion et Piaget, il analyse les difficultés de development de trois enfants.

BIBLIOGRAFIA

- BICK, E. (1967) — *La experience de la piel en las tempranas relaciones de objecto*. Revista Uruguay de Psicoanalisis, XI: 167-172 (1969).
- BION, W. (1967) — *Second thoughts*. London: Maresfield Reprints (1984).
- BION, W. (1970) — *Attention & Interpretation*. London: Maresfield Reprints (1984).
- JONES, E. (1948) — *Papers on Psicho-analysis*. London: Baillère, Tindall and Cox.
- MAHLER, M. et al, (1975) — *The psychological birth of the human infant*. New York: Basic Books.
- MELTZER, D., et al. (1975) — *Explorations in autism*. Pertshire: Clunie Press.
- PIAGET, J., et al. (1969) — *The psychology of the child*. London: Routledge and Kegan Paul.
- SPITZ, R. (1965) — *De la naissance à la parole*. Paris: Presses Universitaires de France (1971).